

# MILAGRES, SUINICULTURAS E POLUIÇÃO HÍDRICA NA AGENDA DOS MEDIA

José Gomes Ferreira<sup>1</sup>

*Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*

## **Resumo:**

No final da década de 80 a produção de suínos registou em Portugal importantes transformações, acentuando a tendência para a concentração em três regiões, o que rapidamente contribuiu para a contaminação dos recursos hídricos e para degradação do bem-estar e qualidade de vida das populações, em reacção ao qual eclodiram importantes conflitos ambientais a que os mass media têm dado enorme relevo. Pela sua amplitude e maior visibilidade, a poluição da bacia do rio Lis é elucidativa quanto à situação do país, na medida em que a produção de suínos nesta região transformou-se numa das principais actividades económicas, ao concentrar 15% da produção nacional, praticamente confinada a um dos seus principais afluentes – a Ribeira dos Milagres. A poluição hídrica daí resultante tem gerado grande controvérsia pública, entre movimentos de defesa do ambiente de base local e suinicultores, o que justificará a permanência do problema na agenda da comunicação social.

**Palavras-chave:** cobertura mediática, conflito ambiental, poluição hídrica, suinicultura, mobilização cívica

## **1. Introdução**

Nas últimas décadas a produção de suínos registou em Portugal importantes transformações conducentes ao aumento da produção, e que passaram pela concentração em três regiões, bem como pela concentração em unidades de grande capacidade, próximas dos mercados consumidores, e dos centros de abate e transformação da carne. O sector conquistou um papel de relevo no aumento do rendimento económico familiar e na criação de emprego, o problema é que essa concentração rapidamente contribuiu para a degradação do bem-estar e qualidade de vida das populações vizinhas, designadamente ao contaminar os recursos hídricos e, conseqüente, afectar a fauna e flora das linhas de água. Cenário a que se juntou o adiar de soluções quanto ao tratamento de esgotos domésticos, industriais e suinícolas, apesar do elevado investimento público realizado, e que a partir de 1986 contou com avultado financiamento de Fundos Comunitários. Como resultado, assiste-se ao agravamento do estado de poluição dos principais rios nacionais e ao eclodir de importantes conflitos ambientais. Pela sua amplitude e maior visibilidade, a poluição da bacia hidrográfica do rio Lis, situada a cerca de 150 km a norte de Lisboa, é elucidativa quanto à situação do país nesta matéria. Em poucos anos, a produção de suínos transformou-se numa das principais actividades económicas da região, ao concentrar cerca de 15% da produção nacional, por sua vez confinada em cerca de 80% a um dos seus principais afluentes – a Ribeira dos Milagres. A poluição hídrica daí resultante tem gerado enorme controvérsia pública, entre movimentos de defesa do ambiente de base local e suinicultores, no que concorre o enorme destaque mediático deste conflito ambiental nos meios de comunicação nacional e regional. Estamos perante um caso de persistência e longevidade do tema na agenda mediática, tudo indica em resultado da acção dos movimentos cívicos locais, assim como da ineficácia das políticas de diversos governos e da inconsequência das acções de fiscalização.

O objectivo da comunicação é apresentar os principais momentos da mediatização da poluição na bacia do Lis. Porém, antes dessa etapa procura-se reconstruir, com recurso a diversas fontes, o processo histórico que conduziu à transformação da região em grande produtora de suínos, destacando os primeiros alertas relativos à poluição. Posteriormente, procede-se à análise da cobertura noticiosa do problema a partir de dois jornais regionais – Região de Leiria e Jornal de Leiria – de 1985 a 2008 –, procurando identificar as áreas mais afectadas em cada período, as fontes poluidoras predominantes, assim como os principais focos de conflito, os protagonistas, os problemas noticiados, os avanços e recuos do processo.

---

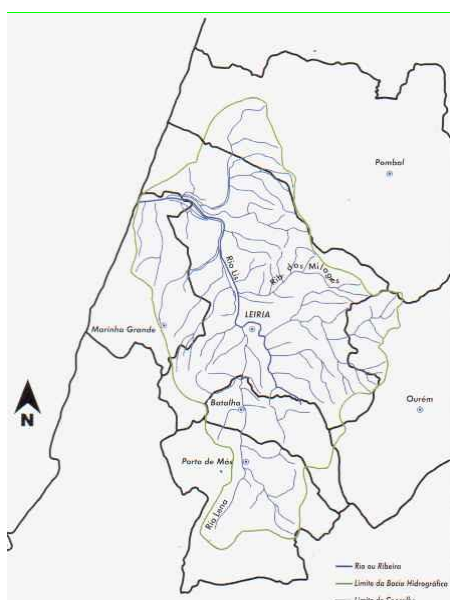
<sup>1</sup> Bolseiro de Doutoramento apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Bolsa SFRH/BD/40406/2007)

## 2. Características da bacia hidrográfica do Lis

A bacia hidrográfica do rio Lis (BHL) é composta por 48 freguesias, que integram seis concelhos, a maioria dos quais do distrito de Leiria – Leiria (29 freguesias), Pombal (2 freguesias), Batalha (4 freguesias), Marinha Grande (2 freguesias) e Porto de Mós (9 freguesias) –, excepto Ourém (2 freguesias) que pertence ao distrito de Santarém (PBHL, 2002). Segundo o plano de bacia, o Lis ocupa 1 125 km<sup>2</sup>, que incluem o próprio Lis, que se estende por 40km, e os seus afluentes, entre os quais: o rio Lena, o principal afluente, com 27km de extensão, os rios Fora e Alcaide, e as ribeiras dos Milagres, Caranguejeira (ou Sirol) e Carreira.

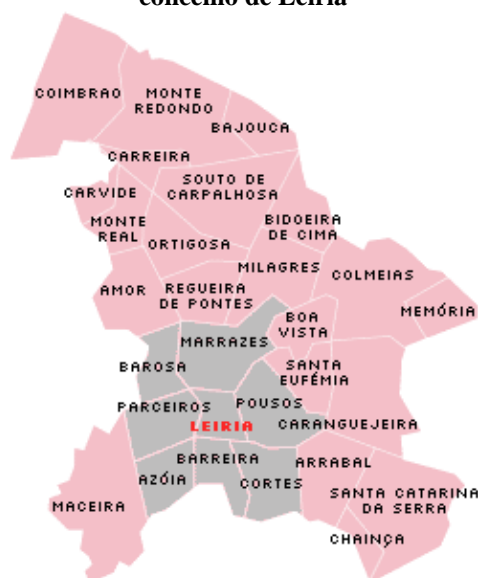
Os sectores que mais têm contribuído para o agravamento da poluição hídrica são a *indústria*, o sector *doméstico* e a *pecuária*. A *indústria* localiza-se, genericamente, entre Leiria e a Marinha Grande, destacando-se algumas unidades de produção de papel e cartão, e a indústria vidreira característica da Marinha Grande. A contaminação *doméstica* tem origem, sobretudo, na cidade de Leiria, onde habita mais de 60% da população da bacia (PBHL, 2002; Vieira, 2007). Em 2001 a população residente nas 48 freguesias era de 194 915 habitantes, o que corresponde a uma subida na ordem dos 17,9% comparativamente a 1991; entretanto, em 2006 o número de habitantes ascendia a 220 000 (Vieira, 2007). De 2001 para 2008, segundo o INE, registou-se um aumento significativo do número de habitantes nos concelhos que integram a BHL, designadamente: *Leiria* passou de 119 847 habitantes, em 2001, para 128 537, 2008; *Pombal* passou de 56 299, em 2001, para 59 858, em 2008; *Ourém* registou um aumento de 46 216 para 50 890, respectivamente, em 2001 e 2008; e a *Marinha Grande* passou de 35 571, em 2001, para 38 599, em 2008 (INE, 2002; INE, 2009).

Mapa 1. Bacia Hidrográfica do Lis



Fonte: PBHL, 2002

Mapa 2. Freguesias que concentram mais população no concelho de Leiria



O concelho de Leiria é o que mais se evidencia, ao registar um acréscimo de 8 690 habitantes desde o último Censo. Sendo que, em 2001, cerca de 50% do total dos seus habitantes se concentrava em apenas 8 freguesias próximas do centro urbano da cidade de Leiria – Azóia, Cortes, Barreira, Barrosa, Leiria, Marrazes, Parceiros, Pousos. De 2001 para 2008, o grupo etário dos 15 aos 24 registou o maior decréscimo, ao perder 1 557 habitantes, particularmente

face ao grupo etário mais de 65 anos, que no mesmo período registou um acréscimo de 3 725 habitantes, o que é sintomático do envelhecimento da população residente no concelho (INE, 2009b).

Relativamente ao efectivo de *suínos*, desde meados da década de 80 que nesta região a poluição hídrica resultante da concentração de suiniculturas tem gerado enorme controvérsia pública, entre movimentos de defesa do ambiente de base local e suinicultores, no que concorre o enorme destaque mediático deste conflito ambiental nos meios de comunicação nacional e regional. De acordo com o último Recenseamento Agrícola a cujos dados se tem acesso, em 1999 foram produzidos no país 2 418 426 suínos, 546 467 na região Centro, 206 312 dos quais foram produzidos na bacia do Lis suínos, o que representava cerca 9% da produção nacional. Com a particularidade de mais de 78% dos suínos de toda a bacia serem produzidos no concelho de Leiria, uma produção por sua vez concentrada em 5 das 29 freguesias – Milagres, Colmeias, Bidoeira de Cima, Marrazes e Boavista – e que afecta essencialmente a ribeira dos Milagres e as margens do rio Lena junto à foz (INE, 2001 e 2007; PBHL, 2002, Vieira, 2007). No presente, a região produz cerca de 15% dos suínos nacionais, responsáveis por mais de 80% da carga poluente da bacia (Neves, 2009). No concelho de Leiria a produção de suínos é de tal ordem que nos permite concluir que o número de efectivos é superior ao número de habitantes: em 2008 o concelho possuía mais de 200 mil suínos (Neves, 2009), contudo não ultrapassava 128 537 habitantes (INE, 2009 e 2009b).

**Imagem 1. O porco de “chiqueiro”**



Museu da Marioneta, Março 2010

**Mapa 3. Freguesias com maior concentração de suínos no concelho de Leiria**



Estamos perante explorações de média dimensão, intercaladas com explorações de pequena dimensão, o que justificará o carácter difuso da poluição e alguma da incapacidade no exercício das acções fiscalizadoras (Campar, 1989: 3-4; Vieira, 2005: 137). A esses elementos acresce o facto das transformações entretanto registadas terem ocorrido, praticamente, nas últimas duas décadas, tendo em conta que em 1989 estávamos ainda na presença maioritária de pequenas explorações, com uma “função de complementaridade de rendimentos” familiares, por vezes integradas no processo produtivo de explorações com maior dimensão, “por meio de subcontratos de produção” (Campar, 1989: 112-118). De então para cá, acentuou-se a tendência para o decréscimo do número de explorações e, simultaneamente, para o aumento do número de efectivos (INE, 2001 e 2007).

A investigação realizada permite concluir que a produção de suínos em grandes quantidades na região pode ser explicada pelas seguintes razões: i) pela transformação da Boa Vista em “*capital do leitão*”; ii) pela conclusão das obras de hidráulica agrícola e regularização do leito do Lis; iii) e pela forma diferenciada como o surto de *peste suína africana* ocorrido em 1957 afectou o país. Quanto à “*capital do leitão*”, sensivelmente em 1956, José Ferreira Morgado, comerciante de suínos e proprietário de um restaurante na freguesia da Boa Vista, começou a assar leitões à moda da Mealhada, ou seja, no espeto. O sucesso foi tão grande que rapidamente se transformou numa tradição e estimulou a produção de leitões na região, anteriormente adquiridos pelo mesmo José Ferreira Morgado no Alentejo e outras regiões (JL, 30-10-2008). Surgem a partir de então vários restaurantes a assar leitão à moda da Boa Vista, aproveitando a proximidade com importantes vias de comunicação, como a Estrada Nacional 1/IC2, de tal modo que a povoação é ainda hoje conhecida como a “*catedral dos porcos*” ou “*capital do leitão*” (Lourenço, 1993: 38; Pacheco, 1959: 117-118).

O fim das obras de hidráulica e regularização do leito do Lis, inauguradas a 26 de Maio de 1957, reforçou a expansão da suinicultura, principalmente no concelho de Leiria. Sensivelmente até essa data, a existência de pauis permanentes condicionava o povoamento, o aproveitamento agrícola e a produção agro-pecuária. Com mais de 500 hectares de terrenos permanentemente inundados e mais de 100 hectares que só enxaguavam no Verão, era praticamente impossível ter terrenos em condições de cultivo, para além disso, as populações eram frequentes afectadas por casos de paludismo, enquanto doenças como o distoma hepático afectavam o gado bovino (MOPC, 1945: 72; Henriques, 1952: 1; Pacheco, 1959: 87-118). A conclusão das obras permitiu o enxugo dos campos e a circulação de água onde outrora não chegava, permitindo aproveitar para agricultura de regadio uma área de 2145 hectares, projectada para cultivo de arroz, aveia, cevada, milho, trevo, feijão, tremçoço, batata, fava, grão-de-bico e produtos hortícolas. Simultaneamente, expandiu-se a produção de suínos. À data de elaboração do Plano Geral de Regularização do Rio Lis e Afluentes, na área correspondente aos Campos do Lis existiam cerca de 7 000 cabeças, 4 800 das quais fêmeas, o que, de acordo com Aragão Pacheco, “mostra bem a tendência para a criação, em vez da engorda” (Pacheco, 1959: 118). O mesmo Aragão Pacheco estava convencido que, uma vez eliminados os pântanos, a criação de gado ganharia enorme potencial de progressão, sobretudo a criação de suínos, “se nos lembrarmos que a sua criação se faz aproveitando inúmeros produtos agrícolas (...) que não podem ser utilizados na alimentação nem têm fácil venda” (Pacheco, 1959: 118).

Por coincidência, igualmente em 1957, o país viu-se confrontado com um *surto de peste suína africana*, que afectou fortemente a produção de porcos do montado – designado segundo Fernando Oliveira Batista como sendo a «montanheira» –, especialmente extensas áreas do Alentejo. Pelo contrário, os porcos ditos «porcos de chiqueiro» foram menos afectados, o que motivou o surgimento de novas explorações em diversos locais do país, com maior implantação em regiões como o Montijo, Palmela, Rio Maior e Leiria (Baptista, 1993: 272-275).

Por último, no final da década de 80, a necessidade do país suprir as dificuldades de importação de carne de porco resultantes das restrições impostas por novo surto de *peste suína africana*, levou ao fomento da produção a nível nacional. A nível regional, pela mesma altura assiste-se ao regresso de antigos emigrantes, que viam na produção de suínos uma possibilidade de investimento. A conjugação destes factores, a que se adicionam importantes transformações ao nível do processo produtivo, levou à proliferação suiniculturas ilegais,

algumas construídas em barracões licenciados para guardar alfaias agrícolas (JL, 9-9-1988; As Beiras, 24-08-1987; Neves, 2009, AAL, 2009).

### **3. Mediatização da poluição hídrica com origem nas suiniculturas da bacia do Lis**

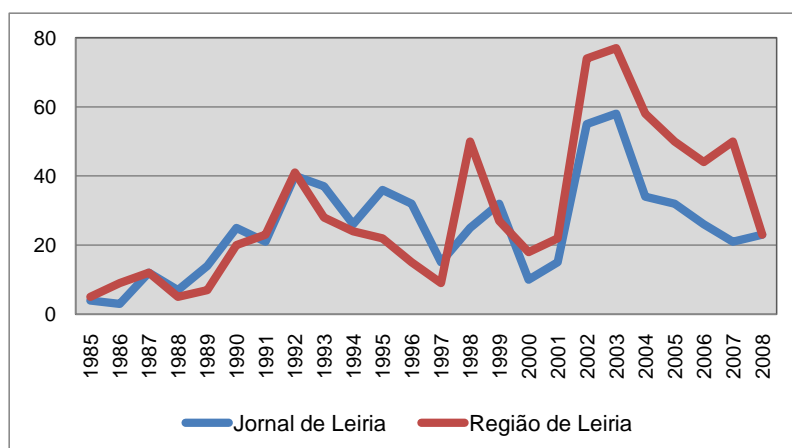
É por todos reconhecido que os meios de comunicação social exercem um importante papel em matéria ambiental, nomeadamente enquanto principal fonte de informação a que os cidadãos recorrem, o que, na opinião de Hannigan, lhes garante um lugar privilegiado no processo de consciencialização ambiental e uma reconhecida influência sobre os cidadãos e sobre as instituições (Hannigan, 2002). Isso acontece, segundo Steven Yearley, porque a comunicação social, assim como as iniciativas de políticos e das agências de publicidade, substituiu nessa tarefa as organizações ambientalistas, sem que estas deixem na prática de definir a agenda ambiental (Yearley, 1992: 47-48). No caso português, diversos estudos demonstram ter sido absolutamente decisivo e estratégico o contributo dos *mass media* para que o tema ambiente irrompesse nas esferas pública e política (Schmidt, 2003). Quanto à poluição hídrica, esses estudos demonstram que o problema regista um considerável destaque na agenda pública, uma temática que, à semelhança de outras catástrofes ambientais, se mediatiza quando ocorrem descargas ilegais, com morte de peixes, ou riscos agudos para a saúde pública e que consegue por vezes estimular a organização de acções de protesto por parte das populações (Schmidt, 2003 e 2006; Schmidt e Ferreira, 2004; Ferreira, 2009).

Embora sem menção na comunicação social, desde a década de 60 que os Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Leiria se queixavam do lançamento de efluentes no rio Lis com origem na Fábrica de Curtumes da Reixida, cujas descargas contaminavam as captações de água que abasteciam a cidade de Leiria. O rio Lena era afectado pelo lançamento de esgotos urbanos, águas ruças com origem nos lagares de azeite, efluentes com origem nas destilarias e adegas, e pelo despejo de efluentes de fábricas e oficinas. O que é um facto, é que somente na década de 70 a poluição dos cursos de água da região ganhou visibilidade. A primeira vez que o problema mereceu atenção foi, a 13 de Agosto de 1971, com a publicação de uma notícia no Diário de Lisboa com o título “A poluição das águas do rio Lis (em Leiria) causa a extinção do peixe”. Essa notícia surgia no rescaldo do XII Concurso Internacional de Pesca Desportiva de Leiria e da exposição sobre a poluição no Lis remetida pela Associação Regional do Centro de Pesca Desportiva ao Presidente da Comissão Regional de Turismo de Leiria. Os autores da exposição felicitavam a Comissão de Turismo e o Clube Amadores de Caça e Pesca de Leiria pela impecável organização do Concurso, lamentando que o estado “do Rio Lis (infelizmente poluído) tenha tirado algum brilho aos resultados técnicos desta prova” (DL, 13-08-1971; ARH Centro, 2010). No Verão de 1978 a poluição do Lis volta a receber atenção mediática, inicialmente quando a 13 de Julho o Jornal de Notícias publicou a notícia “Quem salva o rio Lis de morrer poluído?”, na qual lamentava que o Lis dos poetas se visse transformado “em vazadouro despidorado que a ténue corrente retém e emporcalha”. Nessa notícia, sem deixar de criticar os habitantes, por lançarem “para o rio tudo quanto lhes causa embaraços nas suas casas”, identificava como principais responsáveis o Hospital Distrital e uma estação de serviço da autarquia usada para lavagem de viaturas. A 2 de Setembro, o jornal Região de Leiria ao referir-se ao problema, identifica as mesmas fontes poluidoras e critica o “espectáculo também pouco abonatório” “que se observa pela presença de vários pneus de automóveis, do mesmo modo atirados para o leito do rio sem o mínimo respeito”. Por último, a 4 de Outubro o Diário de Notícias publicou a notícia “Rio inquinado”, em que afirmava que, o “rio Lis, cantado com melodia e ritmo por cançonetistas, não”, passava de um curso de água que atravessava Leiria, “inquinado por detritos de toda a espécie e por maus cheiros insuportáveis”, que causavam “não só repugnância”, como constituíam “um perigo permanente para a saúde pública”. O que exigia não só a intervenção dos Serviços

da Hidráulica do Mondego, como era “indispensável que, em contrapartida os Leirienses se consciencializem da riqueza que possuem e evitem, se não mesmo impeçam, a todo o custo, a degradação do rio, que é um bem, não só da terra mas do País. Porque, na verdade, o Lis não é, nem pode ser o vazadouro de uma cidade, por mais importante que seja” (DN, 4-10-1978).

A estes problemas adicionava-se o alerta feito em 1978 pelo presidente da Comissão Regional de Turismo sobre a proliferação de construções e abarracamentos em Leiria, na zona do Marachão e junto à Piscina, locais nada aconselháveis “sob o ponto de vista turístico” (RL, 30-09-1978; ARH Centro). Porém, seria sobretudo a imundice que caracterizava o rio, com detritos por todo o lado e esgotos a céu aberto, tal como referia o jornal Região de Leiria em 1980, transcrevendo uma notícia originalmente publicada no jornal O Comércio do Porto (RL, 22-08-1980). Em Junho de 1986 um episódio simboliza o fim da pesca de competição no Lis, quando perante o cenário desolador da morte de milhares de peixes os organizadores suspenderam a competição. Esse episódio corresponde igualmente a uma alteração na forma de denunciar os atentados ambientais, pois, ao contrário do que seria prática corrente, a primeira preocupação dos membros da Comissão de Defesa Ecológica foi alertarem a agência de notícias ANOP (JL, 12-06-1986).

**Gráfico 1 – Evolução do nº de notícias sobre poluição hídrica na bacia do Lis em dois jornais regionais (1985-2008)**

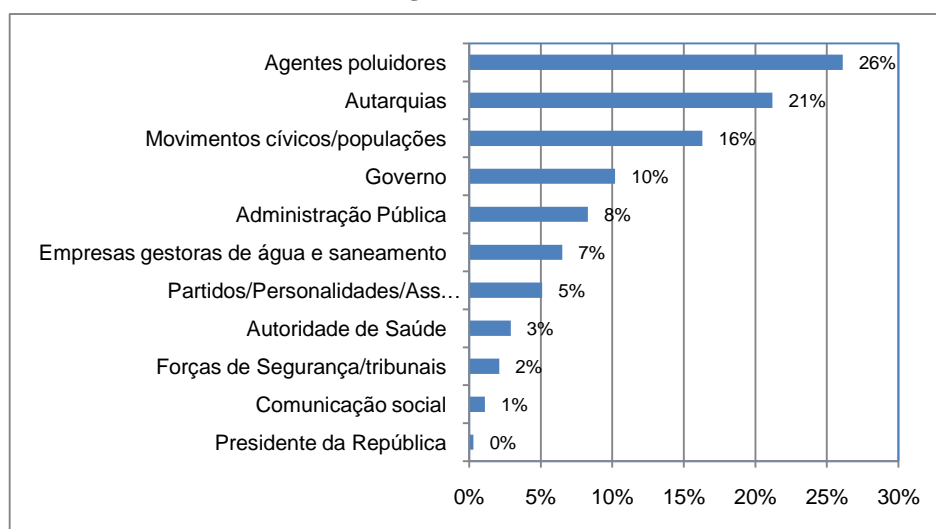


O *gráfico 1* mostra a evolução das notícias sobre poluição hídrica na bacia do Lis publicadas em dois jornais regionais – Jornal de Leiria e Região de Leiria – entre 1985 e 2008. As oscilações registadas têm origem em sucessivos acontecimentos, diferentes quanto aos locais, os cursos de água, os protagonistas e as diferentes sub-temáticas em causa. São também resultado de profundas alterações registadas no país, induzidas a partir de 1986 pela adesão à União Europeia. Luísa Schmidt confirma essa possibilidade quando afirma que, após a adesão à UE o tema Ambiente tornou-se “apto e adquiriu potencial noticioso”, quer “pela via da dramatização de certos acontecimentos”, quer por ter sido «apadrinhado» por personalidades de elite, de que é exemplo a Presidência Aberta realizada por Mário Soares em 1994, e por passar pela “actuação mais organizada de movimentos civis ou por acções de protesto das populações” e por pressões europeias (Schmidt, 2003: 60).

Quanto à bacia do Lis, embora com menor número de registos, em 1988 a poluição com origem nas suiniculturas da região entrou definitivamente na agenda ambiental, quando perante um cenário de catástrofe ambiental de grandes dimensões a comunicação social, por

alusão ao acidente na central nuclear de Chernobyl, refere-se a ela como “Catástrofe de suinobyl” (O Independente, 03-06-1988; RL, 10-06-1988; JL, 29-7-1988). A verbalização dessa mesma catástrofe não resulta, no entanto, exclusivamente da sua dimensão, resulta igualmente do novo enquadramento do país no espaço europeu, em que se mostrava urgente dar mostras de que avançávamos no sentido da resolução do problema. O tema entra assim na agenda política, o que marca o início de um sem parar de visitas de governantes e políticos, a que correspondem sucessivas promessas de resolução do problema. Se em 1986 Carlos Pimenta, Secretário de Estado do Ambiente, afirmava que o rio Lis iria “ser classificado dentro do grau de prioridades” nacionais, em 1988, o seu sucessor, Macário Correia, reconheceu a gravidade do problema ao declarar: “Quando voltar a Leiria não quero encontrar o Rio Lis no estado em que hoje o vi” (CML, 1988).

**Gráfico 2 – Protagonistas referidos nas notícias**



A partir daqui intervêm vários protagonistas, entre os quais, diversas associações da região. Numa primeira fase, através da organização de debates e iniciativas de sensibilização. A partir de Fevereiro de 1990, com a constituição da Oikos – Associação de Defesa do Ambiente e Património da Região de Leiria, a mobilização cívica é mais pró-activa, reforçando essa tendência a partir de Março de 1996, data em que esta Associação, com o apoio da autarquia leiriense, criou a Linha SOS Ambiente. Entretanto, no dia 16 de Abril de 1994, a convite da Oikos, Mário Soares visitou a Ribeira dos Milagres no âmbito da Presidência Aberta sobre Ambiente. A investigação até agora realizada permite concluir que a visita do Presidente da República à Ribeira dos Milagres re-localiza (e re-tematiza) o problema de poluição hídrica na bacia do Lis. Uma poluição que até aqui afectava maioritariamente: no caso do rio Lis, o troço a montante de Leiria e o troço que atravessa esta cidade, a ribeira do Sirol e o rio Lena, este último diversas vezes designado rio Vermelho devido às descargas com origem no Matadouro de Leiria. A partir daqui, as suiniculturas localizadas ao longo da Ribeira dos Milagres assumem-se como as principais fontes poluidoras, todavia, não são as descargas que obtêm maior visibilidade pública, são sim os seus impactos, com efeitos mais notados no troço do Lis entre Monte Real e a Praia da Vieira. Embora seja necessário apurar mais dados, podemos afirmar que a imagem dramática da morte de peixes a desaguar na foz do Lis supera a imagem da corrente de efluentes suinícolas a correr na Ribeira dos Milagres, contra a qual se manifestam as populações na década seguinte, e contra o mau cheiro, a degradação ambiental e a deterioração da qualidade de vida.

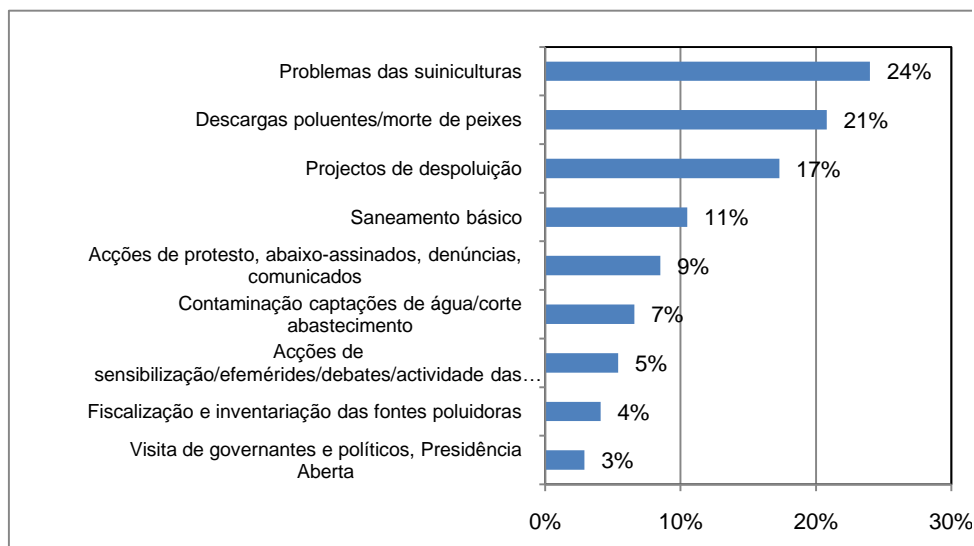
O *gráfico 2* mostra a diversidade de protagonistas envolvidos. O posicionamento das Autarquias na segunda posição explica-se, em primeiro lugar, pelo facto de, dada a ineficácia das acções de fiscalização, serem elas quem por vezes denuncia os atentados ambientais aos governantes e aos serviços públicos com jurisdição sobre as linhas de água. Em segundo lugar, esse posicionamento resulta da diversidade de problemas que afectam esta bacia, sobressaindo os problemas ligados à inexistência ou mau funcionamento da rede de esgotos.

Cronologia	
1971	(13 Agosto) Diário de Lisboa publica a notícia “A poluição das águas do rio Lis (em Leiria) causa a extinção do peixe”
1987	(Jan.) Constituída a Associação de Municípios da Alta Estremadura (AMAE)
1988	(3 Jun.) O Independente publica a notícia “Catástrofe de suinobyl”, republicada em vários jornais
1990	(Fev.) Constituída a Oikos – Associação de Defesa do Ambiente e Património da Região de Leiria
	Regulamento para instalação de novas unidades gera conflito entre suinicultores e autarcas
	(Abril) Milhares de peixes aparecem mortos na foz do Lis, na Praia da Vieira
1992	(Jun.-Out.) Autoridade de Saúde fiscaliza fontes poluidoras do Lis (uma iniciativa do Jornal das Cortes)
	(Out.) Criada a Associação de Suinicultores do Concelho de Leiria, prevê a construção de 4 ETAR para resolver o problema dos efluentes suinícolas
1994	(16 Abril) Na Presidência Aberta sobre Ambiente Mário Soares visita a Ribeira dos Milagres
	(Dez.) Inaugurada a ETAR da Bidoeira, da ASCL, com a presença da Ministra do Ambiente
1995	(Set.) Inaugurada ETAR da Raposeira, da ASCL
1998	(Fev.) Projecto de Despoluição da Bacia do Lis e Ribeira de Seça fora das prioridades do Governo na candidatura aos Fundos de Coesão
1999	(13 Dez.) Constituída a SIMLIS – Saneamento Integrado dos Municípios do Lis
2002	(Set.) Contaminação das nascentes a montante de Leiria obriga ao corte de água durante 5 dias
2003	(Jun.) Descarga suinícola na Ribeira dos Milagres mata milhares de peixes no Lis: Praia da Vieira interdita a banhos, criada a Comissão de Ambiente e Defesa da Ribeira dos Milagres
2005	Após pressões do Ministério do Ambiente suinicultores dos concelhos de Leiria, Batalha e Porto de Mós constituem a Recilis para resolver o problema dos efluentes do sector
2007	ASAE, IGAOT e SEPNA inspecionam suiniculturas em todo o País. Detidos 2 suinicultores em Leiria
	Movimento Amor Saudável contesta construção da ETES na freguesia
2008	(Maio) ETES de Amor obtém Declaração de Impacto Ambiental (DIA)
	(Jun.) Mau cheiro resultante do espalhamento de efluentes suinícolas afecta Leiria
	(Nov.) Inaugurada a ETAR Norte, da Simlis, com a presença do Ministro do Ambiente
2009	(Dez.) CCDDR – Centro não renova licenças para espalhamento de efluentes suinícolas, que passam a ser tratados na ETAR Norte

Relativamente às *fontes poluidoras*, os dados apurados apontam para o predomínio do sector agro-pecuário, i.e. suiniculturas, com mais de 50% dos registos, seguido pelos problemas relacionados com os Esgotos domésticos (30%). Em termos cronológicos, nas décadas de 80 e 90 assumem relevo as descargas com origem no sector industrial (curtumes, madeiras, mármore), e nos lagares de azeite, destilarias e matadouros. Aqui se destacam as descargas com origem na Fábrica de Curtumes da Reixida (encerrada em Julho de 1989), na Destilaria Pedro Menezes, na Golpilheira (contra a qual se manifestou a população) e no matadouro de Leiria situado junto à foz do Lena. Quanto aos temas agendados, de que dá conta o *gráfico 3*, a maior proeminência dos “Problemas das suiniculturas” resulta da centralidade do sector no processo e na região. Essa categoria inclui as acções de protesto que na década de 90 opuseram suinicultores e autarcas, divergindo quanto ao regulamento para a instalação de suiniculturas; as propostas das associações de suinicultores para a resolução do problema dos efluentes, que no concelho de Leiria resultaram na construção das estações tratamento de efluentes suinícolas localizadas na Bidoeira e Raposeira; e mais recentemente as notícias

sobre a constituição da empresa Recilis, responsável pela gestão dos efluentes do sector, onde se inclui o impasse quanto à construção da Estação de Tratamento de Efluentes Suinícolas, em Amor.

**Gráfico 3 – Sub-temáticas identificadas nas notícias**



A terminar, embora vários sub-temas tenham obtido ampla cobertura mediática, pela maior amplitude, e maior impacto social e ambiental, sobressaem dois acontecimentos: a contaminação das captações de água que abasteciam a cidade de Leiria ocorrida em Setembro de 2002, que obrigou ao corte de água à cidade durante 5 dias, e motivou uma edição extra do jornal Região de Leiria a 21 de Setembro; e a descarga de efluentes suinícolas que a 15 de Junho de 2003 ocorreu na Ribeira dos Milagres, responsável pela interdição a banhos da Praia da Vieira, descarga na sequência da qual foi criada na freguesia dos Milagres a Comissão de Ambiente e Defesa da Ribeira dos Milagres.

### **Bibliografia**

- Baptista, Fernando Oliveira (1993): A política agrária do Estado Novo, Porto, Edições Afrontamento.
- Campar et al. (1989): A bacia hidrográfica do rio Lis: contributo para o estudo da organização do espaço e dos problemas de ambiente, Leiria, Câmara Municipal de Leiria/Comissão de Coordenação da Região Centro.
- CML (1988): A protecção do ambiente e a gestão dos recursos naturais na Bacia do Lis. Conclusões do simpósio realizado em Maio de 1988 sobre o Rio Lis, Câmara Municipal de Leiria (Policopiado).
- Ferreira, José Gomes (2009): “O saneamento básico na agenda mediática 1970-2000. Estudo de caso”, in Actas do X Congresso Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais. Braga. 4 a 7 de Fevereiro de 2009.
- Garcia, José Luís (coord.) e Castro, José Esteban (1999): Poluição e Despoluição do Rio Lis, Lisboa, OBSERVA (Policopiado).
- Hannigan, John (2002): “Culture, globalization, and social cohesion: toward a de-territorialized, global fluids model” in Canadian Journal of Communication, Vol. 27, pp. 277-287.
- Henriques, Fausto G. (1952): “Obras do rio Lis. Alguns problemas hidráulicos em canais de terra”, Separata da Revista Técnica, Revista de Engenharia dos Alunos do I. S. T.

- INE (2001): Recenseamento Geral da Agricultura 1999, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2002): Censos - Resultados definitivos. Região Centro – 2001, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2007): Estatísticas Agrícolas 2006, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2009): Estimativas Anuais da População Residente, Disponível em [www.ine.pt](http://www.ine.pt)
- INE (2009b): Anuário Estatístico de Portugal 2008, Informação disponível até 30 de Setembro de 2009 em [www.ine.pt](http://www.ine.pt)
- Lourenço, Fausto M. (1993): O rio Lis, Marinha Grande (Policopiado)
- Ministério das Obras Públicas e Comunicações (MOPC) (1945): “Regularização do rio Lis e seus afluentes e defesa dos campos marginais”, in Anuário dos Serviços Hidráulicos dos anos 1942-1943. Lisboa. Imprensa Nacional de Lisboa.
- Ministério do Ambiente (2002): Plano de Bacia Hidrográfica do Rio Lis. CCDR-Centro, disponível a 25 de Novembro de 2010 em <http://www.arhcentro.pt/>
- Neto, Henrique (1995): Grave atentado à qualidade da água de consumo na cidade de Leiria, Leiria, Autoridade de Saúde de Leiria (Policopiado).
- Neves, David (2009): “Sistemas Colectivos de Tratamento de Efluentes – Estudo Técnico e viabilidade económica e financeira: Caso de Leiria”, in Jornadas Técnicas da XX Feira Nacional do Porco do Montijo, Montijo 25 e 26 de Setembro de 2009.
- Pacheco, A.V. de Aragão (1959): Obras no vale do Lis, Lisboa, Ministério das Obras Públicas/Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos.
- Schmidt, Luísa (2003): O Ambiente no Ecrã – Emissões e demissões no serviço público televisivo, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Schmidt, Luísa (2006): “Água: 'entupir' e 'desentupir' os canais da comunicação”, in 5.º Congresso Ibérico Gestão e Planeamento da Água, Faro. 4-8 Dezembro de 2006.
- Schmidt, Luísa e Ferreira, José Gomes (2004): “O ambiente na agenda mediática em 2003”, in Actas do V Congresso Português de Sociologia. Braga 12-15 de Maio de 2004. Lisboa. Associação Portuguesa de Sociologia.
- Vieira, Judite dos Santos (2007): Transformações Biogeoquímicas na Bacia Hidrográfica do Rio Lis, Dissertação de Doutoramento em Ciências da Engenharia pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.
- Yearley, Steven (1992): A causa verde. Uma sociologia das questões ambientais, Oeiras, Celta Editora.

## **Jornais**

- Jornal de Leiria (JL)
- Região de Leiria (RL)
- Diário de Lisboa (DL)
- Diário de Notícias (DN)
- Jornal de Notícias (JN)
- As Beiras

## **Arquivos**

- Arquivo Administrativo de Leiria (AAL), consultado em 2009
- Arquivo Distrital de Leiria (ADL), consultado em 2008 e 2009
- Documentos disponibilizados pela Secção de Leiria da ARH do Centro (ARH Centro), consultados em 2010